



## **Editorial**

Os Organizadores

---

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Aqui está o número 3 de ECO-REBEL, ou seja, o v. 2, n. 1, 2016. No final de 2015, conseguimos o ISSN (2447-7052), que só é emitido após haver dois números publicados. No momento, estamos tentando conseguir o DOI (*Digital Object Identifier*), aplicação do *Handle System Resolver*. Isso permitirá identificar cada artigo internacionalmente. Estamos lutando para manter a revista com um alto nível acadêmico. Como se pode ver nos dois primeiros números, publicados pontualmente no primeiro e segundo semestres, respectivamente, de 2015, grande parte dos autores é constituída de estrangeiros. Porém, o objetivo de ECO-REBEL não é propriamente apenas divulgar textos estrangeiros no Brasil nem, muito menos, publicar textos apenas em inglês para o público externo. Já temos em nosso país uma massa crítica suficiente para merecermos uma revista feita por brasileiros voltada para brasileiros.

Alguém poderia perguntar: Por que então a maioria dos textos é de autores estrangeiros? A resposta é muito fácil de ser dada. Apesar de estar crescendo a cada dia que passa, a ecolinguística ainda é uma ciência muito jovem. No Brasil havia muito pouca coisa publicada. Por isso, decidimos que os primeiros números contivessem alguns dos textos-chave para o ensino da disciplina em nosso país, todos em português. A partir do presente número teremos sempre textos em inglês, e até em outras línguas, como o francês e o espanhol.

O texto de Mark Garner and Iwan Supardi, “A linguagem da cerimônia betungkal: uma abordagem ecológica”, examina a linguagem da cerimônia indonésia de unção conhecida como *betungkal*. Mediante constante repetição e variação, mostra alguns dos processos mais importantes pelos quais a comunicação linguística opera. Mostra ainda como a língua está

## ECO - REBEL

inextricavelmente envolvida no ambiente em que é usada, além de revelar a identidade comunitária dos participantes. O texto retoma conceitos que Garner já havia exposto em outro lugar. Muitos desses conceitos foram apropriados pela linguística ecossistêmica, como a ideia de que os conceitos ecológicos não são meras metáforas. Eles são entendidos literalmente.

Salikoko Mufwene, em "Ecologia da língua: algumas perspectivas evolutivas", mostra que conceitos desenvolvidos originalmente por biólogos para organismos e espécies em seus *habitats* naturais podem ser estendidos para explicar o destino das línguas em seus meios ambientes sociais. Mais especificamente, no estudo da evolução linguística, que não tem uma teleologia. Para Mufwene, as línguas nascem, crescem e morrem, como dizia Schleicher no final do século XIX, porém, não como organismos, mas como espécies parasitas, no caso, espécie viral.

O conhecido crioulista e ecolinguista Peter Mühlhäusler aparece com dois textos, que se complementam. O primeiro é "A ecolinguística na universidade"; o segundo, "Pensando ecologicamente". O assunto de que tratam está evidente nos próprios títulos. O autor concebeu o segundo deles como uma espécie de apêndice ao primeiro. Dada a relevância do tópico tratado, decidimos incluí-lo como se fosse um texto independente, o que ele realmente é, pois pode ser lido separadamente.

O texto de Wilhelm Trampe "Sobre o papel da linguagem nos sistemas ecológicos antropogênicos" é bem adequado aos objetivos de ECO-REBEL, uma vez que o autor é o segundo, após seu ex-orientador de doutorado Peter Finke, a falar em ecossistema nos estudos da linguagem. Mais especificamente, Trampe fala explicitamente em "linguística ecossistêmica".

O penúltimo ensaio é de Robert B. Kaplan, o único em inglês neste número. O autor é um pioneiro na visão da língua como parte de um todo maior, que só deve ser entendida no meio em que se insere. No caso, ele associa nacionalismo, origem da linguagem, aquisição de língua e relações entre língua e mundo para tentar caracterizar o que seja língua. Kaplan provém da linguística aplicada, a mesma área a que pertence Alwin Fill e Francisco Gomes de Matos.

Por fim, temos a contribuição de Davi Borges de Albuquerque e Genis Frederico Schmaltz Neto, "As contribuições das ciências cognitivas para a ecolinguística". Os autores associam a linguística ecossistêmica e a linguística dialética com a segunda e terceira gerações das ciências cognitivas, salientando algumas de suas contribuições para as duas vertentes da ecolinguística mencionadas. De acordo com a proposta dos autores, os fenômenos linguísticos são de cunho mental e ecológico.

## **ECO - REBEL**

Como a revista é multidisciplinar, incluindo sobretudo questões ecológicas, achamos pertinente publicar uma resenha do livro *Ecologia do corpo*, de Celso Sánchez, feita por Zilda Pinheiro Dourado. Com efeito, os membros de P do tripé linguístico-ecossistêmico são, antes de tudo, corpos físicos (ecossistema natural da língua). É daí que nascem as interações comunicativas propriamente ditas, interações que se inserem mais no ecossistema social, tudo filtrado pelo ecossistema mental. Enfim, a resenhadora salienta que o livro inclui não apenas a endoecologia do corpo, mas também sua exoecologia.

Boa leitura!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 2, n. 1, 2016.